



# Revista Eletrônica

Fundação Educacional São José

ISSN:2178-3098

# 7<sup>a</sup>

Edição

Av. Presidente Getúlio Vargas nº. 547  
Santos Dumont – MG - CEP.: 36.240-000

Telefax (0XX32)3251-3817

CNPJ: 00.684.397/0001-88

RESPONSÁVEL PELA EDIÇÃO DA REVISTA PROF. Ms. ELIANI DE LIMA VILLAS GOMES

## ENRIQUE DE RESENDE: POETA MODERNISTA DA REVISTA VERDE

<sup>1</sup> **Beatriz Pires de Moraes Barbosa**

### RESUMO

O presente artigo vai abordar inicialmente as mudanças ocorridas no início do século XX, para depois refletir sobre a vida e obra de Enrique de Resende, poeta modernista e um dos fundadores da revista *Verde*, em seguida os acontecimentos que vão propiciar o surgimento do modernismo no Brasil, e também as publicações surgidas na Semana de Arte Moderna, e logo após uma detalhada análise do poema "Senzala", poema do escritor que foi publicado no quarto número da revista *Verde*.

**Palavras-chave:** Modernismo. Enrique de Resende. Poesia.

### ABSTRACT

This article will first address the changes in the early twentieth century, and then reflect on the life and work of Enrique de Resende, modernist poet and a founder of the journal Green, then the events that will foster the emergence of modernism in Brazil, and publications arising from the Week of Modern Art, and after a detailed analysis of the poem "Senzala", poem writer who has published the fourth issue of Green.

Keywords: Modernism. Enrique de Resende. Poetry.

---

<sup>1</sup> **Beatriz Pires de Moraes Barbosa:** mestranda do curso de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

Endereço: Rua Engenheiro Maurício Girom, 127 apt. 402, Paineiras. Juiz de Fora – MG.

CEP: 30016530 Telefones: (032) 3232-4827 / (032) 87021520

Email:beatrizgrijo@terra.com.br

Artigo original

## 1. Introdução:

O início do século XX é caracterizado por profundas transformações. A capacidade inventiva do homem é impulsionada, adquirindo dimensões admiráveis. Uma onda de otimismo invade a Europa. O progresso das ciências, o surgimento da psicanálise e do cinema, serão, dentre outros fatores, propulsores de modificações nas estruturas artísticas, literárias, políticas, e principalmente, no comportamento da sociedade. Este período, que vai do início do século até a eclosão da primeira guerra mundial, é denominado de *belle époque*, e se distingue por uma intensa efervescência cultural.

Sevcenko (2006) avalia que as transformações tecnológicas originaram alterações por toda a estrutura da sociedade, interferindo nos modelos comportamentais dos indivíduos. Ao delinear um breve histórico dessa revolução tecnológica, chama esse processo histórico de “O loop da montanha-russa”, devido aos períodos em que há grandes avanços e também aos momentos de estagnação, quando não se atingem grandes inovações. Os “altos e baixos” é que se assemelham aos movimentos de uma montanha-russa.

Para o autor, o loop da montanha-russa se dá no momento mais expressivo desse processo tecnológico.

Entretanto, com o fim da guerra, em 1919, surge um novo período de euforia: os “Anos Loucos”, cujas palavras de ordem eram: rebeldia, alegria, ousadia e liberdade. Nesse contexto, tudo era discutido, o que favorecia um ambiente de novas ideias. Sob este prisma, em 1923, Enrique de Resende, um jovem poeta mineiro, com espírito moderno, edita seu primeiro livro de poemas, *Turris eburnea*.

## 2. A trajetória de Enrique de Resende:

Enrique de Resende, na verdade se chamava Henrique Vieira de Resende, nasceu na Fazenda do Rochedo, residência de seus antepassados e lugar de origem da cidade de Cataguases, no dia 13 de agosto de 1899. Filho de Afonso

Henrique Vieira de Resende e de Josefina Faria de Resende. Iniciou seus estudos na fazenda, matriculando-se mais tarde no Colégio Anglo-Brasileiro, no Rio de Janeiro. Fez o curso de Matemática em Ouro Preto, formando-se em engenharia civil pela Escola de Juiz de Fora, em 1924. Voltando à terra natal, já diplomado, passou a compor o quadro da Leopoldina Railway CO, responsável pela construção de estradas de rodagem, da qual se desligou em 1928.

Enrique de Resende começou sua carreira de escritor com um livro de versos, *Turris Eburnea*, lançado em 1923. Mas o seu nome só passou de fato a chamar a atenção do público, quando o poeta passou a ser uma das principais figuras do conhecido grupo da revista *Verde*, de Cataguases.

Foi um dos criadores da *Verde*, revista de renovação intelectual, que alcançou renome no país e fora dele. O engenheiro-poeta surgiu na primeira página do primeiro número da *Verde*, aos 28 anos de idade, em 1927. Colaboraram no número de estreia nomes como Carlos Drummond de Andrade, Edmundo Lys, Emílio Moura, Ascânio Lopes, Martins de Oliveira, Guilhermino César e muitos outros. A segunda edição trouxe mais nomes consagrados, publicando trabalhos de Afonso Arinos, Abgar Renault, Pedro Nava.

Em 1928, editou com Rosário Fusco e Ascânio Lopes, *Poemas cronológicos* e em 1933, *Cofre de charão*. Apenas em 1938 lançou outro livro, este em prosa: *Retrato de Alfonsus Guimaraens*.

Sua obra poética há muito esgotada, tinha se tornada ignorada pelas novas gerações, até que em 1957, devido ao empreendimento de um dos seus filhos, lançou *Rosa dos ventos*, poemas escolhidos de obras publicadas anteriormente, além de dezesseis trabalhos originais, uma obra de grande valor poético. Em 1964, publicou *A Derradeira colheita*, uma coletânea de cem poemas escolhidos, antigos e novos.

Em 1966, foi eleito membro da Academia Mineira de Letras, em sessão solene ocorrida em Belo Horizonte. Em 1969, publicou *Pequena história de Cataguases*, composto de narrações e fatos relevantes ocorridos neste município mineiro.

No ano de 1971, o poeta lançou *Estórias e memórias*, considerado uma espécie de coletânea que incluía estórias, recordações, artigos de jornal, cartas e poemas. Escrito em verso, em prosa, e algumas vezes em tom de carta. Seu falecimento deu-se em 16 de setembro de 1973.

### 3. O modernismo brasileiro:

No Brasil, essa atmosfera de ruptura vai propiciar a busca pela renovação política, social, artística, literária, enfim, de todas as áreas. Essas ideias constituíram o fundamento que propiciou a Semana de Arte Moderna, que se deu dos dias 11 a 18 de fevereiro de 1922, em São Paulo, e que obteve resultados não só culturais, mas em outros setores.

Fazia parte desse movimento um grupo de artistas constituído por pintores, músicos e escritores que almejava apresentar as influências das vanguardas européias à cultura brasileira. Esse evento gerou o modernismo brasileiro, que apresenta como características principais: a total liberdade de expressão, oposição ao academicismo, o uso de uma linguagem coloquial, valorização do humor, exploração do verso livre (sem métrica e rima), além da inserção de acontecimentos do cotidiano, descontinuidade cronológica e espacial, etc.

A Semana de arte Moderna foi um duplo vértice histórico; convergência de ideias estéticas do passado, apuradas e substituídas pelas novas teorias européias (futurismo, expressionismo, cubismo, dadaísmo e espiritonovismo); e também ponto de partida para as conquistas expressionais da literatura brasileira neste século. Toda a grande contribuição da revolução literária de 1922 pode, portanto, resumir-se nestes dois aspectos: abertura e dinamização dos elementos culturais, incentivando a pesquisa formal, vale dizer, a linguagem; ampliação do ângulo óptico para os macro e micro temas da realidade nacional, embora essa ampliação tenha se dado mais exatamente na linguagem, elevando-se o nível coloquial da fala brasileira à categoria de valor literário, fato que não havia sido possível na poética, parnasiano-simbolista, quer pela sua concepção formal, quer pela sua concepção linguística da época, impregnada de exagerado vernaculismo (TELES, 1977, p.217)

#### 4. VERDE: uma publicação modernista

Um dos resultados mais importantes da Semana de Arte Moderna foi ter gerado algumas revistas e outras publicações para a divulgação e consolidação do movimento e de alguns grupos de escritores. Foram instrumentos extremamente úteis para a expansão do modernismo no Brasil. Em suma, as revistas tinham a extraordinária função de promover a união dos modernistas e de serem meios de propagação e revelação de livros e ideias dos mesmos.

A revista *Verde* de Cataguases, Minas Gerais, foi uma das mais importantes publicações do modernismo no Brasil. Considerada como um marco para este movimento.

Segundo Enrique de Resende, em *Pequena história de Cataguases*:

Verde marcava um momento de insurreição, conseqüente à Semana de Arte Moderna, cujos frutos sazonavam. E porque partisse de uma pequena cidade do interior mineiro, constituiu surpresa o gesto insurrecional, atribuindo-se-lhe então virtudes, que nós mesmos desconhecíamos. (1969, p.100).

Criada em 1927 por um grupo literário de jovens escritores, obteve repercussão internacional. O seu encerramento se deu em 1929, no mesmo período da morte de Ascânio Lopes, um dos fundadores da revista. Foram publicados seis números nesses dois anos. Apesar do curto período de sua existência, *Verde* continuou refletindo não só na trajetória de seus participantes, como a sua volta. Conforme afirma Enrique: “mas o espírito moderno, que ela encarnava, continuou pairando sobre Cataguases. Como se vê, a velha árvore jamais deixou de reverdecer entre nós.” (1969, p.113).

Enrique de Resende, juntamente com Ascânio Lopes e Rosário Fusco, formaram a *Verde*. A repercussão era tão positiva, que não faltaram colaboradores e incentivadores nacionais e estrangeiros: Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Oswaldo de Andrade, Pedro Nava, João Alphonsus, Murilo Mendes, Afonso Arinos, Godofredo Rangel, Willy Levin, Acquiles Vivacqua, dentre outros.

Dentre as principais estão: *Klaxon* (1922) de São Paulo, *Estética* (1924) do Rio, *Terra do Sol* (1924) do Rio, *Nova Era* (1924) da Paraíba (João Pessoa), *Revista do Brasil* (1925) de São Paulo, *A Revista* (1925) de Belo Horizonte, *Terra Roxa e Outras Terras* (1926) de São Paulo, *Revista Novíssima* (1926) de São Paulo, *Festa* (1927) do Rio, *Revista de Antropofagia* (1928) de São Paulo, *Movimento* (1928) do Rio, *Verde* (1928) de Cataguases (MG), *Elétrica* (1928) de Itanhandu (MG), *Arco e flecha* (1928) de Salvador, *Leite Criôlo* (1919) de Belo Horizonte, *Maracujá* (1929) de Fortaleza, *Madrugada* (1929) de Porto Alegre, *Lanterna Verde* (1934) do Rio, *Oeste* (1942) de Goiânia, *Revista Brasileira de Poesia* (1946) de São Paulo, *Joaquim* (1946) de Curitiba, *Orfeu* (1947) do Rio de Janeiro, além de outras. (Teles, 1977, p.217-218).

E os ventos daquela noite, impregnados do pólen vivificador da Semana de Arte Moderna, fecundaram o país, de norte a sul, e daí o surgimento de excelentes revistas, representativas das novas correntes do pensamento brasileiro, em todos os ramos da sua atividade criadora. (RESENDE, 1969, p.98).

Entretanto, o enfoque deste artigo é a poesia de Enrique de Resende, que além de ter sido o mais velho do grupo, já havia publicado um livro antes da criação da revista. Sua obra: *Turrís Ebúrnea*, editado em 1923, obteve boa repercussão da crítica de sua época. O escritor se tornou uma figura de referência para os demais, que na sua maioria se constituíam de adolescentes.

O autor contribuiu no primeiro número da *Verde* com “A cidade e alguns poetas” e “prelúdios”; no segundo número, com “O canto da terra verde (2)”; no quarto número, com “Senzala” e no quinto número, com “Poema para Manoel Bandeira.

A poesia “Senzala”, publicada em 1927 no quarto número da revista *Verde* de Cataguases, e que veio integrar posteriormente o livro *Poemas Cronológicos*, em 1928, será objeto de reflexão deste artigo.

“Senzala” foi dedicada a Mário de Andrade, que era considerado o papa do modernismo e ao mesmo tempo um grande incentivador do grupo Verde. Participou

de quase todas as publicações da revista. Além disso, obteve a cooperação de poetas como Ascenso Ferreira e do escritor francês, Blaise Cendrars.

“Senzala” possui versos livres, uma característica marcante das poesias do modernismo. No início da primeira estrofe, é definido o local onde se encontra a senzala descrita em seus versos: “Senzala da fazenda de meus avós.”(RESENDE, 1927, p.20). A fazenda do Rochedo foi erguida por seus avós em 1878 e foi o local onde Enrique de Resende nasceu.

É possível compreender que é o fim da senzala, no segundo e terceiro versos da primeira estrofe: “Vão-se desmoronando pouco a pouco/ As tuas paredes de pau-a-pique e os teus telhados seculares”. (RESENDE, 1927, p.20).

Percebe-se uma relação problemática com a convivência familiar: “Mas ainda és, no teu desmoronamento,/a lembrança angustiada das atrocidades dos meus avós”. (RESENDE, 1927, p.20).

A terceira estrofe é marcada por uma escravidão, que ainda é bem presente: “Senzala da fazenda.../As tuas ruínas ainda estão impregnadas do sangue machucado /dos negros que gemeram nos teus troncos,/sob o chicote ameaçador dos homens branco-feitores da fazenda.” (RESENDE, 1927, p.20).

Embora em 1850, com a Lei Eusébio de Queirós, fosse proibido o tráfico de escravos, foram necessários 38 anos, até que a Lei assinada pela princesa Isabel em 1888 determinasse o fim da escravidão no Brasil. Mas, como é muito comum no nosso país, a falta de fiscalização, leva ao descumprimento das leis. Enrique sabia que de certa forma a escravidão ainda continuava: “Mas tudo isso há de desaparecer um dia.” (1927, p.20).

A quinta estrofe reforça a ideia dos vestígios, que ainda estão fortemente presentes nas ruínas da senzala:

As tuas paredes de pau-a-pique e os teus telhados seculares,  
-ruínas ainda impregnadas do sangue e do suor dos escravos-  
lembram os gemidos que se perderam pelos teus cubículos  
de tabique;e as lágrimas que rolaram pelo teu chão de terra socada;  
e o relho de três tranças dos algozes feitores da fazenda;  
e os gritos lancinantes que varavam o horror das tuas trevas;  
e a mancha apagada que ficou na braúna dos teus troncos.(RESENDE,  
1927, p.20).

Encontra-se na sexta estrofe a esperança do autor de que as marcas das crueldades cometidas desapareçam: “Mas - bendito seja Deus! - as tuas ruínas desaparecerão um dia/ na bruma longínqua da história dos tempos”. (RESENDE, 1927, p.20).

Este final revela como eram traumáticas as memórias e evidencia o choque entre as gerações: “E então se apagará também, esse dia na minha memória/ a lembrança angustiosa das atrocidades dos meus avós..”.(RESENDE, 1927, p.20).

Enrique de Resende, ao descrever o local onde os escravos eram torturados, revive a crueldade e a maldade, praticadas naquele lugar. O tempo então será seu aliado, para aplacar de sua memória lembranças tão angustiantes.

## 5. Considerações finais:

A poesia de Enrique de Resende se caracteriza principalmente pelo verso livre e sem métrica. Nota-se no discurso do autor uma angústia frente aos horrores e atrocidades contra aqueles que viveram a escravidão. Existe um forte desejo de que as lembranças sejam apagadas. A temática não é atualizada, mas reaviva o passado.

Nesse sentido, é possível perceber uma similaridade entre a narrativa discursiva de Enrique e a poesia de Castro Alves: “Navio Negreiro”, considerada um dos mais admiráveis poemas de todos os tempos, cujo tema transcende o espírito do tempo: “ Senhor Deus dos desgraçados!/ Dizei-me vós, Senhor Deus!/ Se é loucura...se é verdade/ tanto horror perante os céus?!/ Ó mar, por que não apagas/ Co'a esponja de tuas vagas/ Do teu manto este borrão?”.(1869, p.4)

Nesse fragmento, primeira estrofe da quinta parte da poesia, o apelo ao esquecimento é dirigido a Deus e também ao mar, para que aja como esponja, apagando a imagem do navio, que é simbolizada por um borrão, uma mancha na história da humanidade.

Na poesia de Enrique, o apelo ao esquecimento é feito a Deus e também ao tempo, como foi visto nas duas últimas estrofes.

Através da teoria da intertextualidade algumas considerações poderiam ser levantadas, mas como não é o objeto de reflexão deste artigo, apenas uma breve comparação foi realizada.

#### REFERÊNCIAS:

ALVES, Castro. *Navio negreiro*. [S.1.]: Cultura Brasileira, 2011. Disponível em: HTTP: [WWW.culturabrasil.org/navionegreiro.htm](http://WWW.culturabrasil.org/navionegreiro.htm). Acesso em: 26 março 2011.

RESENDE, Enrique de. *Retrato de Alfonsus de Guimaraens*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1953.

\_\_\_\_\_. *Pequena história sentimental de Cataguases*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. 8. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

*VERDE*: revista mensal de arte e cultura. Cataguases: Verde, 1927-1929.

<sup>1</sup> Em uma carta enviada a Plínio Doyle, Enrique de Resende revela que por motivos supersticiosos eliminou o H de seu nome.